



REFLEXOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA EDUCAÇÃO DA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI-ARGENTINA

Sérgio Paulo de Oliveira¹
Mauro José Ferreira Cury²
Jonatas Filipe Rodrigues Gerke³

Resumo:

Tendo como objetivo analisar os reflexos da Pandemia de Covid-19 na educação nos municípios da Tríplice Fronteira (Foz do Iguaçu-Brasil, *Ciudad del Este*-Paraguai e *Puerto Iguazú*-Argentina), o presente artigo científico foi redigido a partir de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos Secretários Municipais de Educação (ou equivalente), bem como professores que atuam com estudantes na faixa etária entre os nove e os doze anos de idade. Somado a isso, foram também entrevistados diretores de estabelecimentos de ensino das cidades em análise. Na construção dessa investigação, buscamos detectar e compreender os prejuízos causados à educação pela necessária suspensão das aulas presenciais durante o prolongado período de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19. Verificou-se que a estratégia de atividades remotas e aulas online, apesar de serem as únicas alternativas disponíveis com vistas a evitar a interrupção definitiva das atividades pedagógicas, não foram suficientes para manter a qualidade dos níveis de aprendizagem. Desse modo, buscamos identificar e efetuar a análise dos principais fatores que impactaram nessa defasagem educacional.

Palavras-chave: Pandemia; Educação; Impactos; Tríplice Fronteira.

IMPACTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON EDUCATION IN THE BRAZIL- PARAGUAY-ARGENTINA TRIPLE BORDER

Abstract:

Aiming to analyze the effects of the Covid-19 Pandemic on education in the Triple Border municipalities (Foz do Iguaçu-Brazil, *Ciudad del Este*-Paraguay, and *Puerto Iguazú*-Argentina), this scientific article was constructed from semi-structured interviews applied to Municipal Education Secretaries (or equivalent), as well as teachers who work with students aged between nine and twelve years old. In addition to this, directors of educational establishments in the cities under analyses were also interviewed. In constructing this investigation, we sought to detect and understand the damage caused to education by the necessary suspension of in-person classes during the prolonged period of social isolation by the Covid-19 pandemic. It was found that the strategy of remote activities and online classes,

¹ Bacharel em Turismo (1987) e Licenciado em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1992) - UNIOESTE - Campus Foz do Iguaçu. Especialista em Processo de Ensino-Aprendizagem da Literatura Luso-Brasileira (1998) pela Faculdade de Educação "São Luís". Especialização "Lato Sensu" em Linguagens do Século XXI (1999 a 2001) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus Foz do Iguaçu. Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA. Doutor em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: prof.sergio2021@hotmail.com.

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, Pós-Doutor pela Universitat de Barcelona, Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE. E-mail: maurojfc@gmail.com.

³ Especialista em Gestão e Controladoria e Graduação em Administração pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas. E-mail: jonatas_gerke@hotmail.com.





despite being the only alternatives available with a view to avoiding the definitive interruption of pedagogical activities, were not sufficient to maintain the quality of learning levels. In this way, we sought to identify and analyze the main factors that impacted this educational gap.

Keywords: Pandemic; Education; Impacts; Triple Border.

1. INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, pacientes foram hospitalizados na Província de Hubei, China apresentando uma nova doença cujos principais sintomas eram pneumonia e insuficiência respiratória causadas por um novo Coronavírus. Em 11 de fevereiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) denominou este agente etiológico como Covid-19 (Ferrer, 2020). Rapidamente a enfermidade se espalhou para outros países e continentes, sendo que em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi declarada como pandemia pela OMS.

Conforme registra a história, o setor educacional – além da grande maioria das demais esferas da economia, do sistema de saúde, do turismo, da indústria, do comércio; enfim, da vida em sociedade em geral – foi imediatamente afetado em função das medidas adotadas que preconizaram o isolamento social. Em decorrência disso, no primeiro instante, “os lares de milhões de estudantes no mundo todo, subitamente, tiveram que se adaptar para realizar o ensino remoto-domiciliar, afetando, assim, o convívio familiar” (Araújo *et al.*, 2022, p. 02). Na sequência, estima-se que 1.5 bilhão de alunos em todo o planeta ficaram impossibilitados do acesso às aulas presenciais.

Em função dessa nova realidade, verifica-se que, no Brasil, conforme Silva e Santos (2022), através do Parecer nº 11/2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE), encaminhou recomendação tanto à rede pública quanto privada que:

[...] possibilitassem a flexibilização em torno da adoção da oferta de ensino não presencial, de forma a mitigar os prejuízos educacionais causados pela suspensão das aulas. [...] Nesse contexto, escolas tiveram que adaptar, em curto espaço de tempo, suas atividades para dar continuidade ao ano letivo por meio do ensino remoto, haja vista que nenhum sistema, seja público ou privado, estava preparado para responder aos desafios impostos pela suspensão do ensino presencial (Silva; Santos, 2022, n.p).

Por sua vez, no que concerne à Argentina, Di Napoli, Gogolino e Bardin (2021, p. 4) relatam que a partir do momento em que a Covid-19 foi declarada como Pandemia pela OMS, o Governo dispôs, através do Decreto Nº 260/20 “*la ampliación de la emergencia sanitaria y adoptó nuevas medidas para mitigar la propagación del virus*”. E que mediante o Decreto Nº 297/20 de 19 de março de 2020 e suas prorrogações posteriores, estabeleceu-se o *Aislamiento Social, Preventivo y Obligatorio* (ASPO) “*con cese de actividades presenciales consideradas no esenciales en todo el país, entre ellas las educativas*”. Afirmam ainda os autores, no decorrer de seu estudo, que a “*virtualización forzada de la escolarización [...] se transformó en un desafío*” para a vida dos estudantes sob vários aspectos, desde o acúmulo de atividades até organizar horários escolares ou entender as explicações dos professores.

Da mesma forma, medidas nesse sentido foram tomadas no Paraguai e em grande número dos demais países. Em Portugal, por exemplo, verificou-se que a mudança repentina do ensino presencial para o Ensino Remoto de Emergência (ERE) desencadeou, segundo (Flores *et al.*, 2021, p. 21), “um estado de anomia generalizado e transversal, obrigando a uma transformação das práticas de ensino e de aprendizagem em tempo real, sob a pressão do tempo e sem possibilidade de mediação reflexiva adequada”. Ainda de acordo com os autores:



Os diversos intervenientes (professores, alunos, pais, diretores etc.) foram procurando respostas adaptativas em tempo real face a necessidade de reconfigurar radicalmente as suas práticas de trabalho (metodologias, recursos, estratégias, formas de avaliação etc.), o que gerou efeitos previsíveis de *stress*, ansiedade, desorientação ou esgotamento (Flores *et al.*, 2021, p. 21).

Enfim, estudos realizados nos mais diversos países e realidades sociais apontam para o fato de que a pandemia se constituiu no maior desafio já colocado à educação em nível planetário sob os mais variados aspectos. No que diz respeito especificamente à realidade brasileira, conforme Guzzo, Souza e Ferreira (2022, p. 3):

O cenário da pandemia, registrado a partir de 2020, demonstra a dimensão da tragédia brasileira em relação à exclusão escolar e as imensas dificuldades que esse grupo social excluído das condições de aprendizagem encontra para recuperar condições mais favoráveis de aprendizagem. No final do ano letivo de 2020, 13,9% das crianças e adolescentes de 6 a 17 anos estavam fora da escola e sem atividades escolares, vivendo em áreas rurais e em condições precárias. A exclusão escolar tem origem nas desigualdades sociais que se reproduzem nas escolas; as limitações colaboram para que as crianças e adolescentes deixem de estudar.

Destarte, conforme se verificou, não apenas no Brasil, Paraguai, Argentina, mas em escala global e de acordo com as características específicas de cada país, a educação sofreu imensuráveis impactos, de um modo geral, negativos como resultado do isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Destacamos que a presente produção científica tem como origem a pesquisa de campo efetuada com vistas à produção da tese de doutorado intitulada *Políticas públicas educacionais de prevenção às drogas na Tríplice Fronteira Brasil-Paraguai-Argentina* defendida pelo primeiro autor (Oliveira, 2024) – sob a orientação do segundo e com a colaboração do terceiro – no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Frisamos que, em função de se tratar de entrevista semiestruturada, mesmo o roteiro padrão contendo oito perguntas concernentes especificamente à questão das políticas públicas de enfrentamento às drogas, na condução da coleta de dados, diversos(as) entrevistados(as) efetuaram relatos acerca dos impactos da Pandemia de Covid-19 na educação. Entendemos que isso tenha ocorrido em função de que esse trabalho de campo tenha sido realizado entre 04 de outubro de 2022 e 13 de dezembro de 2023, isto é, grande parte das entrevistas ocorreu no ano seguinte ao reinício das aulas totalmente presenciais.

Desse modo, dada a riqueza do material coletado e não tendo o mesmo ligação direta com a temática da drogadição, optou-se por preservar as informações, não incluí-las na tese e, na sequência, redigir-se o presente artigo.

Reiteramos que a referida pesquisa de campo, realizada através da aplicação de entrevistas semiestruturadas, levantou informações a respeito das políticas públicas de prevenção às drogas na esfera da educação implementadas nos municípios da Tríplice Fronteira: Foz do Iguaçu-Brasil, *Ciudad del Este*-Paraguai e *Puerto Iguazú*-Argentina. Ressalte-se que a investigação foi aprovada Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob o número 64363922.7.0000.0107, conforme Parecer nº 5.713.862 e que o Termo de Consentimento



Livre e Esclarecido (TCLE) foi lido e assinado em duas vias por todos os(as) entrevistados(as).

Os(as) Participantes da Pesquisa foram selecionados(as) levando-se em conta diversos critérios⁴, tendo sido entrevistados(as) 15 profissionais da educação conforme discriminados(as) no quadro a seguir:

Quadro 1 - Participantes da Pesquisa.

ARGENTINA	BRASIL	PARAGUAI
Um(a) Secretário(a) Municipal de Educação ou equivalente.	Um(a) Secretário(a) Municipal de Educação.	Um(a) Secretário(a) Municipal de Educação ou equivalente.
Dois(duas) professores(as).	Quatro professores(as).	Dois(duas) Professores(as).
Um(a) diretor(a) de escola.	Dois(duas) diretores(as) de escolas.	Um(a) diretor(a) de escola.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2022/2023 (Oliveira, 2024).

Ressaltamos que na seção 3 (a seguir), efetua-se a apresentação de recortes das entrevistas associados à revisão da literatura acerca da pandemia de Covid-19. Destacamos que os impactos do isolamento social são analisados tanto no que concerne aos estudantes quanto aos professores, aos demais profissionais da educação e às famílias. Enfatizamos também que não se fará a identificação dos(as) Participantes da Pesquisa (sendo esses denominados de PP-1 a PP-15) com vistas a preservar integralmente o compromisso de anonimato assumido quando da assinatura do TCLE. Informamos ainda que os discursos são apresentados em sua língua original, ou seja, português ou espanhol.

Por sua vez, na seção 4, efetua-se a Análise de Conteúdo (AC) das entrevistas no formato descritivo somada a imagens geradas pelo software Iramuteq. Enfatizamos que Flick (2004) e Bardin (2016) são os autores mais estudados para a realização dessa análise.

3. IMPACTOS DA PANDEMIA SOB A ÓTICA DOS(AS) ENTREVISTADOS(AS)

Em seu estudo, Barna, Fernandes e Sani, (2021, p. 381) discorrem a respeito das proporções em que o fechamento das escolas alterou a vida das crianças e dos pais. Afirmam ainda que as rotinas do ambiente escolar são de importância fundamental para que a criança estabeleça e mantenha os contatos “interpessoais com os pares e professores, sendo os mesmos desejáveis para o seu equilíbrio psicológico”. Argumentam em acréscimo:

A pandemia ocasionada pela Covid-19, para além de consequências sanitárias, trouxe desafios sociais, emocionais e comportamentais que nos obrigaram a mudar rotinas e fazer adaptações à nova realidade com vistas à manutenção de um nível positivo de bem-estar. O distanciamento físico e social é inevitavelmente uma estratégia para diminuir a possibilidade de contágio, mas o afastamento de pessoas próximas (familiares, amigos, colegas) traz consequências, por vezes difíceis de serem ultrapassadas (Barra; Fernandes; Sani, 2021, p. 381).

Nesse prisma, o(a) Participante da Pesquisa nº 8 (PP-8) relata que a pandemia fez com que as crianças e adolescentes se tornassem mais sensíveis em vários aspectos. Na sua visão,

⁴ Informamos que tanto os critérios citados quanto as demais informações acerca da condução da pesquisa tais como documentos (Parecer, TCLE, questionário padrão) e comprovações outras encontram-se disponíveis em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/7245/2/Sergio_Paulo_de_Oliveira_2024.pdf





essa sensibilidade mais aflorada se deu em função do isolamento ao qual todos foram submetidos, ao excessivo uso de aparelhos eletrônicos e às diversas perdas repentinas pelas quais os alunos passaram:

La pandemia nos dejó a unas personas muy sensibles, la sensibilidad nos tocó después de esta pandemia. Necesitamos trabajar de nuevo con la Psicopedagogía, ayuda con psicóloga y más cosas porque hay familias que perdieran muchos integrantes, en casa, entonces, cuesta reponerse a esto. Y eso trae consigo también, como mencionar; con los aparatos electrónicos en casa nos acostumbramos y ahora tenemos dificultad para la lectura y escritura, entonces, también para prestar atención de nuevo en clase (PP-8).

Por seu turno, PP-10 afirma que as crianças retornaram da pandemia com acentuada sensibilidade: “elas não têm estrutura emocional para aguentar algumas coisas”. Relata ainda que até mesmo os colegas de trabalho parecem ter voltado mais sensíveis. “A pandemia, na verdade, veio escancarar uma coisa que já existia, só que nela ficou mais aflorada: a sensibilidade das pessoas; a falta de empatia das pessoas”, acredita PP-10.

Silva e Santos (2022, n.p), em seu trabalho, citam as diversas pesquisas que têm demonstrado que “a saúde mental tem se apresentado como um grande desafio dessa pandemia”. Dentre os efeitos sobre a população encontra-se o “aumento nos índices de ansiedade, depressão e estresse excessivo em diferentes países”. No mesmo viés, Guiland *et al.* (2022, p. 3-4) apontam que “pessoas de diferentes países, diante da necessidade de mudança brusca na rotina de vida e de trabalho devido às limitações impostas pela pandemia, apresentaram sintomas depressivos de ansiedade e estresse com níveis moderados a graves”. Os autores, da mesma forma, citam vários trabalhos que comprovam essa situação.

No que diz respeito especificamente aos estudos que relacionam a “ansiedade, estresse e depressão” com o trabalho dos docentes, de acordo com Santos, Caldas e Silva (2022, n.p), ocorreu uma elevação dos níveis durante a pandemia de modo que se não houver um tratamento adequado, essa situação “pode ocasionar prejuízos nas mais diversas ordens, seja nos relacionamentos, na saúde física e mental e a eficácia em seus papéis com os alunos” e até mesmo o abandono da profissão de educador.

Troitinho *et al.* (2021, p.17) afirmam que o “trabalho remoto emergencial produziu importantes impactos na saúde mental” dos profissionais da educação, constituindo-se uma profunda “fonte de sofrimento psicológico para os docentes”. Assim sendo, novamente, PP-8 ressalta que, mesmo os professores também tendo passado por perdas, enfrentaram o desafio de ter que se adaptar a essa nova realidade no retorno às aulas presenciais. As observações de PP-9, na mesma linha, corroboram esse entendimento:

Voltar da pandemia foi um desafio muito grande tanto para o educador quanto para o educando. Antes a gente já sentia essa dificuldade em chegar com o conhecimento a todas as crianças por conta das dificuldades e transtornos que estão aparecendo e aí nós nos deparamos com uma pandemia, algo novo para todo mundo, inclusive para o professor, para a área da educação.

Destaca PP-8 que, apesar de que os professores soubessem que teriam, sob os mais variados aspectos, um grande desafio a ser enfrentado na volta da pandemia, “a maioria dos profissionais se assustou muito com essa questão da ansiedade das crianças”. Somando-se a esse entendimento, PP-12 aponta que os alunos “*se quedaron cerrados en casa y el encierro producía mucha ansiedad y esta ansiedad genera muchos problemas emocionales, problemas familiares*”. PP-11 se manifesta no mesmo sentido:





Muitas vezes, depois da pandemia, também crianças voltaram com muita ansiedade, medo de morrer porque o avô, a tia, a vizinha morreram de Covid. E os pais, talvez até sem intenção, passaram essa ansiedade para os filhos. Logo depois da pandemia, vieram crianças muito ansiosas, tendo crises de ansiedade e os professores, muitas vezes, não sabiam o que fazer.

Independentemente da realidade da escola, do grau de vulnerabilidade social em que a instituição esteja inserida ou mesmo do país, verifica-se que os discursos praticamente se repetem quando se trata das consequências negativas da pandemia no aspecto emocional tanto dos alunos quanto dos professores e demais profissionais da educação. Nessa linha de raciocínio, mais especificamente com relação aos alunos, PP-12 se posiciona:

Entonces, eso fue un problema en diversos ámbitos; en cuanto a educación, en cuanto a salud también por el encierro. Fueron muchos problemas, muchas dificultades que nosotros tuvimos que enfrentar para ayudar a nuestros estudiantes a que se pueda mejorar en estos aspectos. Muchos niños en depresión y con problemas de aprendizaje. Problemas de aprendizaje y depresión fueron las causas de más inconvenientes que tuvimos aquí en la institución este año.

Por seu turno, PP-8 reporta a ansiedade também por parte dos professores. Aponta que considerável parcela dessa ansiedade dos docentes se deve ao fato de que tem sido necessário um esforço muito maior para se conseguir captar e manter a atenção dos alunos e fazer com que eles voltem a sentir vontade de aprender. Conforme cita:

Tivemos outro problema que foi essa dispersão das crianças sem uma limitação dentro dos aparelhos de celular, televisão, computador, tablet porque os pais, muitas vezes, precisavam ir trabalhar e as crianças não podiam sair, então isso gerou um problema muito grande dentro da área educacional.

Ao realçar a questão relativa à utilização de aparelhos eletrônicos e internet, “nós trabalhamos um ano e meio praticamente em telas”, PP-8 aponta para aspectos em que os profissionais da educação tiveram que se adaptar e se preparar durante a pandemia. Cita, a título de exemplo, que tiveram que trabalhar sem horários definidos, sendo chamados para tirar dúvidas a qualquer momento, tendo que se ajustar aos horários em que os pais ou responsáveis conseguiram disponibilizar as telas para os filhos.

Particularmente, PP-8 explica que teve muitos desafios, principalmente porque não tinha o hábito de trabalhar de forma não presencial. Desse modo, buscou se preparar bastante através da realização de cursos também online para essa nova situação durante o isolamento e, mais ainda, para o retorno às aulas em sala. No entanto, apesar de toda a sua preparação, confessa que, na prática, foi bem mais difícil do que poderia imaginar.

Relata também PP-8 que está estudando e fazendo pesquisas acerca dos reflexos da pandemia e aponta ser visível e nítida a diferença no que se refere ao “desenvolvimento das crianças que tiveram o acompanhamento da parte dos pais [...] quando os pais fazem um trabalho em consonância com a escola”. Ao ressaltar a defasagem apresentada por alunos “que não tiveram essa oportunidade da presença dos pais”, PP-8 busca reconhecer que muitos pais trabalhavam o dia todo e à noite não conseguiram dar atenção para os filhos.

Destaca PP-9 que voltou da pandemia com a expectativa de que em 2 ou 3 anos todas as perdas educacionais seriam recuperadas. Entretanto, após praticamente 1 ano de aulas presenciais, conclui que essa defasagem perdurará por muito mais tempo. Por outro lado, não obstante ter tecido comentários apenas acerca dos prejuízos causados pelo isolamento social, consegue vislumbrar um aspecto positivo em meio ao caos:



Muitas famílias perceberam que a real diferença na aprendizagem da criança durante a pandemia só pode ser possível porque elas ampararam essas crianças. Então, a presença da família na escola, no desenvolvimento educacional dos seus filhos é sempre muito mais positiva, mesmo nas crianças que têm dificuldades na aprendizagem. Aquelas que os pais não conseguiram oportunizar para os seus filhos a presença deles mesmos durante a pandemia apresentaram uma defasagem bem mais acentuada (PP-9).

Concluindo suas observações, PP-9 reforça que esse apoio e incentivo da família é fundamental e que a pandemia apenas veio reafirmar aquilo que “a pedagogia já explica desde há muito” acerca do valor do envolvimento dos pais ou responsáveis nos estudos dos filhos.

Fialho e Neves (2022, p. 20), em análise similar à de PP-9, entendem que “a exclusão digital dos alunos, aditada à falta de qualificação profissional e à precarização do trabalho docente, gerou não apenas malefícios à saúde dos professores, como também barreiras no ensino-aprendizagem” de modo que não se pode “medir com precisão as consequências negativas à educação” em decorrência da pandemia.

A internet, os computadores ou as outras ferramentas, apesar de necessárias na modalidade virtual, não se constituem o recurso mais importante para que o ensino remoto de qualidade se concretize; esse recurso, segundo Fettermann e Tamariz (2021, p. 9), é constituído pelos “alunos e os professores que fazem com que as experiências realizadas possam ser bem-sucedidas”. Por sua vez, Macedo (2021, p. 276) entende que:

[...] é preciso reconhecer que garantir a conectividade para viabilizar o ensino online é apenas um paliativo em período de crise, já que o processo de aprendizagem não é só transmissão de conteúdo, mas envolve diversas outras dimensões, entre as quais a sociabilidade presencial entre crianças e adolescentes é fundamental. O acesso online aos conteúdos educacionais, apesar de indispensável, não basta para garantir uma educação de qualidade.

Novamente, Fettermann e Tamariz (2021, p. 1), em seu estudo que busca discutir “o papel das tecnologias na educação em tempo de crise, pensando na necessidade da ressignificação de práticas e papéis no processo de ensino e aprendizagem, em um paralelo com a realidade vivida durante a pandemia da Covid-19”, reforçam o papel das famílias:

Da mesma maneira, hoje, ainda mais do que antes, as famílias se tornaram peças-chave no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos. Com uma crise instalada, tornou-se essencial, apesar de toda a dificuldade encontrada, ressignificar seu papel e acompanhar a educação dos filhos mais de perto, ensiná-los a gerir seu tempo de estudo e lazer, conciliar as atividades profissionais e domésticas para estarem disponíveis para ajudá-los com as tarefas escolares, aprender a utilizar as tecnologias digitais ou colocar em prática o que já sabiam nesse contexto (Fettermann; Tamariz, 2021, p. 9).

Verifica-se que PP-10 discorre nesse mesmo viés: “A gente viu com a volta das aulas quem realmente ajudou o filho, quem participou da educação neste período remoto”. Aponta que era perceptível a continuidade do desenvolvimento das crianças que contaram com o auxílio da família nos estudos durante o isolamento social: “a gente percebeu que a criança voltou e parece que a escola não fez falta para ela”. Entretanto, faz um alerta: “Mas, a gente conta nos dedos das mãos quem foram estes pais que realmente acompanharam e ajudaram”. PP-10 cita também aqueles pais que fizeram apenas o básico, sendo que nesses casos “a criança não evoluiu muito, mas ela também não regrediu”. Faz referência ainda àquelas famílias cujos membros faziam as atividades remotas dos alunos: “a gente via aquela criança





cuja letra não era dela” e quando a os pais eram questionados a respeito disso insistiam em dizer que fora o filho quem havia feito a tarefa, relata PP-10.

E aí tem outro problema muito sério porque além da mãe ter feito a tarefa no lugar do filho, qual é o tipo de exemplo que ela está dando para o filho ao mentir para a professora? O que aquele filho está aprendendo? Além de não aprender o conteúdo, vai aprender que mentir e querer ludibriar é natural.

Da mesma forma, PP-11 alerta para o problema relativo às famílias que fizeram as tarefas dos filhos: “a família, deu a impressão que não acompanhou, pelo menos a aprendizagem, porque nós tivemos atividades remotas que voltavam com dois ou três tipos de letra, quer dizer; não foi a criança quem fez, alguém fez para ela,” complementa:

Então alguém ia lá e fazia um pouco, o outro mais um pouco e assim a aprendizagem ficou zerada. Chegaram crianças para nós no 5º ano praticamente analfabetas, no 3º e 4º ano sem saber ler; esse foi um trabalho nosso bastante árduo, depois da pandemia, bastante exaustivo. Nós tivemos que pegar crianças, a escola como um todo, reforçar e começar lá da alfabetização com crianças de 3º e 4º ano. Inclusive no 5º também chegaram crianças bem defasadas (PP-11).

Todavia, apesar de suas ressalvas ao apoio dado aos alunos pelos pais durante a pandemia, PP-10 reconhece que muitos pais, apesar de nem terem formação e alguns até serem analfabetos, buscaram ajudar naquilo que foi possível, “porque eles não querem o que eles vivem para os filhos deles, sonham com um futuro diferente para os filhos”. Em contrapartida, PP-10 relata que muitos pais com toda a formação necessária para dar um suporte aos filhos não tiveram, a bem da verdade, boa vontade. Enfim, confirma-se assim que a negligência e a omissão já existentes apenas foram ainda mais evidenciadas pela pandemia.

No já citado estudo em que Fialho e Neves (2022, p. 01) estabeleceram como objetivo “compreender como o isolamento social reverberou na práxis docente para viabilizar a continuidade do ensino-aprendizagem por intermédio do ensino remoto emergencial,” as autoras afirmam que, dentre os entraves à educação provocados pelo isolamento social:

Outra barreira elencada pelos professores deste estudo, especialmente da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, é o rompimento das rotinas familiar e escolar, que impõem aos pais não só o dever de cumprir seus próprios afazeres, mas também orientar o processo de ensino-aprendizagem, quando, na maioria das vezes, não são qualificados ou não dispõem de meios para esse novo papel (Fialho; Neves, 2022, p. 16).

Na mesma linha de raciocínio, no prosseguimento de suas considerações, PP-10 faz referência àquelas crianças que ficaram em casa durante a pandemia, porém, sozinhas, tendo em vista que os pais se encontravam “no celular o tempo todo”. Logo, tece graves comentários com relação a essa situação de abandono dos filhos.

As famílias também não estão sabendo apoiar os filhos naquilo que precisa. Mesmo com questões de pandemia ou sem pandemia também, está faltando maturidade, os pais, na verdade, não sabem mais ser pais. Eles transferem para a escola tudo quanto é coisa; tudo é a gente que tem que resolver. Aí você faz o papel de mãe, de professora, de psicóloga, de avó, de tudo (PP-10).

Na avaliação de PP-10, quem mais sofreu na pandemia foram as crianças, tendo em vista que, além do repentino afastamento dos colegas, tiveram que passar por longo período de isolamento social em uma idade em que a interação, a convivência e o mundo da escola são de importância fundamental em suas vidas. “Para mim, os mais prejudicados na pandemia foram os alunos que ficaram muito fragilizados por falta de apoio emocional”. Nesta





particularidade, PP-10 faz alusão ao sofrimento das crianças perderam pai, mãe ou avós devido à Covid-19.

Relata ainda PP-10 que quando a escola recebeu os alunos de volta, teve que fazer o acolhimento e o município não disponibilizou estruturas e equipes suficientes para atender neste momento de fragilidade. Segundo PP-10: “a escola teve que acolher e o município teria que ofertar um suporte para essas crianças, para essas famílias”. Alerta ainda para o fato de que até mesmo para o atendimento de colegas de trabalho, não havia psicólogos disponíveis.

Acerca dessa retaguarda psicológica, no caso específico dos professores, Jiménez (2021, n.p) entende ser “*fundamental el apoyo y seguimiento psicológico con el objetivo de cuidar la salud emocional, así como para proteger a los docentes del estrés crónico y de la ansiedad para que puedan continuar con sus actividades educativas*”. Não obstante esse alerta, a autora reconhece que a mudança repentina e compulsória para as aulas virtuais potencializou “*la creatividad, ha desarrollado fortalezas resilientes y demostrado una gran capacidad de trabajo y de adaptación para potenciar la enseñanza y los aprendizajes en el profesorado*”. Por seu turno, no que diz respeito ao atendimento aos alunos, PP-11 também acusa a falta de apoio à escola especificamente no âmbito emocional:

Se tivesse, por exemplo, dentro da escola uma equipe multidisciplinar para atender, seria ótimo... um psicólogo... porque essa criança, nessa ansiedade, pode ser que ela corra para o mundo das drogas para se “libertar” desse problema. Se tivesse uma equipe multidisciplinar, também ajudaria muito a escola na questão das drogas, na questão psicológica, pois a escola se sente fraca, ela é apenas parte, ela não consegue sozinha fazer todo esse trabalho.

Outro aspecto evidenciado na fala de PP-10 se refere ao excesso de trabalho remoto através de telas de modo que isso agravou problemas já existentes ou gerou algumas situações inéditas no âmbito da educação. Ressalta que tem sido bastante difícil lidar com isso, tanto para os alunos quanto para os professores, pois “a gente vê crianças cada vez mais com falta de concentração”. PP-10 relata casos de muitas crianças viciadas em celular, que não querem mais fazer tarefas ou que não sabem mais sequer brincar.

Aqui na escola, com essa questão da pandemia, a gente teve que adotar novos hábitos na questão da segurança. Aquele recreio de correr deixou de existir e até hoje aqui não existe. Nós tínhamos muitos acidentes durante o recreio e aí, essa coisa de ficar em casa um ano e meio e quando voltou para a escola acabou aquela correria de recreio e foi quando a gente percebeu que eles não sabem mais cair, eles se batem, eles não sabem brincar, eles não sabem dividir brinquedo. Gente, uma criança não saber cair é muito grave. Eu acho que se pedir para eles subirem num muro ou numa árvore, eles também não sabem.

Com relação a esse “vício no celular” aprofundado pelo período de isolamento social provocado pela pandemia, há que se ressaltar que as redes sociais, de um modo geral, apresentam muitos riscos às crianças e adolescentes. Nesse sentido, advertem Aguilar e Fonseca (2019, p. 21) que pais responsáveis sempre buscam proteger os filhos dos perigos do mundo real, no entanto, especialmente nestes tempos pós pandêmicos, há que se educar também com vistas à proteção frente aos perigos do ciberespaço. Alertam ainda que

Las redes sociales han difundido males sociales al que las personas menores de edad solo estaban expuestas en cierto momento y lugar, convirtiéndolas en blancos fáciles sin barrera de tiempo ni de espacio, pues están expuestas en todo momento. Pornografía infantil, acoso y bullying son solo algunos de los peligros sociales que tienen en el ciberespacio, y hacen que los cuidados y protección de nuestras personas menores de edad requieran del conocimiento de estos entornos en que se



desenvuelven para poder orientarles en cómo evitar ser víctimas. Educar en ciberseguridad en el uso de las redes sociales en línea es responsabilidad, en primera instancia, del padre y la madre de familia (Aguilar; Fonseca, 2019, p. 21).

PP-10 afirma que o período de isolamento gerou nas crianças dificuldades além da questão da coordenação motora; reflete-se também na interação, na socialização, na convivência, pois elas não sabem mais resolver entre si os seus problemas. PP-11 discorre sobre outro problema agravado pela pandemia: “As crianças ficaram em casa e a família não deu limites [...] Crianças que não sabiam sentar-se na cadeira, pedir licença para ir ao banheiro, pedir licença para um coleguinha”. Parece que as crianças “vieram zeradas”, conclui PP-10.

Nesta perspectiva da falta de limites, pode-se verificar a crise de autoridade por parte dos pais que tem permeado as relações intrafamiliares já há algumas décadas. Percebe-se o vasto número de teorias e publicações científicas acerca do tema. Sabe-se que especialistas no assunto divergem em vários aspectos quanto às práticas disciplinares. Todavia, pode-se depreender que nessa complexa área forma-se quase que um senso comum: “a era atual sofre da falta de limites, o mundo está carente de ‘nãos’, e assim, percebe-se que o ser humano sem limites é apenas a ponta do iceberg da sociedade em que vivemos” (Oliveira, 2020, p. 174).

Ademais, com base em seus estudos e na experiência do trabalho com crianças, adolescentes e jovens, Oliveira (2020) enfatiza que os pais, muitas vezes, deixam de estabelecer limites aos filhos para evitar polêmicas e atritos, isto é, os pais optam por se calar para garantir um almoço em paz ou um fim de semana tranquilo.

Assim, cala-se por cansaço ou omissão, mas o silêncio é um só. Todavia, a vida pode cobrar de pais e filhos, mesmo que alguns anos mais tarde, um alto preço por esse silêncio. Portanto, que se tenha sempre em conta que limites bem colocados, ainda que aparentemente possam parecer terremotos, nada mais são do que acomodações de terra (Oliveira, 2020, p. 188).

Por seu turno, no que faz referência específica ao Paraguai, um(a) Participante da Pesquisa (PP-12), embasado(a) em sua experiência profissional, agrega mais algumas contribuições acerca dos reflexos da pandemia na educação

En realidad, nuestro país no estaba preparado para enfrentar la pandemia en cuestiones a la tecnología de información y comunicación porque la pandemia he venido en marzo de 2020 y se cerró totalmente la circulación de un día para otro. Entonces, eso afectó bastante no solamente para los estudiantes, para las familias y principalmente también para los profesores porque ellos no estaban preparados para utilizar este medio tecnológico para desarrollar las clases (PP-12).

Testemunha ainda PP-12 que os professores se esforçaram ao máximo dentro das suas possibilidades e rapidamente criaram condições para a produção da aprendizagem, ou seja, proporcionar um alicerce para que o aluno pudesse aprender verdadeiramente. Por outro lado, mesmo com a celeridade com que as instituições e os profissionais da educação se prepararam para trabalhar com atividades remotas através dos meios eletrônicos, o processo educativo se desencadeou de forma muito lenta devido a outro obstáculo: as limitações dos pais ou responsáveis no que concerne à utilização dessas ferramentas:

Entonces la pandemia nos paralizó como país, se sufrió bastante porque muchos de los nuestros padres no sabían descargar un PDF⁵, no sabían descargar un documento, entonces seguramente hasta unos seis meses más o menos se perdió más

⁵ Portable Document Format



tiempo en aprender como descargar, se perdió casi el restante del año para aprender cómo utilizar la tecnología y los contenidos quedaron para tras (PP-12).

Fialho e Neves (2022, p. 19) reforçam essa afirmação de PP-12 ao apontarem que, apesar de que a Educação Remota Emergencial interferiu negativamente na qualidade da educação em todos os níveis, o processo de ensino-aprendizagem foi mais afetado na educação básica “por compreender crianças e adolescentes que necessitam de maior apoio dos pais ou familiares, que também tinham limitações tecnológicas”. Gatti (2020), da mesma forma, assevera que os estudantes que não puderam contar com o apoio efetivo dos pais em função do nível educacional desses ou por outros motivos e os professores que não estavam preparados para o trabalho remoto são outros fatores que se agregaram às deficiências materiais e contribuíram para a queda da qualidade do ensino no modo virtual.

Sob outro prisma, PP-12 relata também que grande parte dos alunos são muito pobres e não tem computador, telefone ou televisão, “*entonces nosotros tendríamos muchas veces que entregar materiales físicos*”. Nesse aspecto, Gatti (2020, p. 32) afirma:

A situação pandêmica obrigou crianças, adolescentes e jovens a mudarem seus hábitos relacionais e de movimento, a estudarem de modo remoto, alguns com boas condições, com acesso à internet, com os suportes necessários (computador, tablet ou celulares), mas muitos não dispoñdo dessas facilidades, ou dispoñdo com restrições (por exemplo, não dispoñção de rede de internet ou de computador ou outro suporte, posse de celulares pré-pagos com pouco acesso a redes; um só celular na família etc.), contando ainda aqueles sem condição alguma para uso dos suportes tecnológicos escolhidos para suprir o modo presencial.

Schwal (2022), em seu estudo efetuado através de relatos de docentes acerca do confinamento e da volta às aulas presenciais na Argentina, aborda outro aspecto importante que se trata das desigualdades existentes entre o ensino público e o privado

[...] la educación a distancia durante el año 2020 agravó las desigualdades educativas entre los sectores público y privado, ya que la brecha digital existente no permitió desarrollar las mismas estrategias educativas para estudiantes de ambos tipos de escuela. A su vez, el sector estatal registró una mayor desconexión de sus estudiantes durante este primer año de pandemia (Schwal, 2022, p. 8).

Em estudo realizado durante a pandemia no Estado de Nuevo León - México sobre os desafios enfrentados pelos professores, Leal *et al.* (2021, p. 13) advertem acerca da “*presente necesidad de políticas educativas capaces de disminuir las brechas de desigualdad en materia de tecnología educativa*”. Por sua vez, no que concerne às disparidades presentes na realidade educacional brasileira, Laguna *et al.* (2021, p. 410) afirmam que os “meios escassos, analfabetismo funcional e falta de habilidades didáticas” que se verificaram durante o período de aulas remotas apenas contribuíram para agravar ainda mais as desigualdades já existentes.

Ainda se referindo à precariedade das condições materiais e educacionais de grande parcela das famílias, lamenta PP-12 que um significativo percentual da aprendizagem não ocorreu e essa situação, de um modo geral, se verifica por todo o país.

Tengo visto que en instituciones vecinas ocurren los mismos problemas de aprendizaje de lectura, escritura y matemática - eso también se ve en todo el país - los niños no saben leer y escribir porque las clases se desarrollaron en forma virtual y no se aprendió como corresponde por muchos factores. Un factor mucho importante es que el papá, la mamá, el tutor, el encargado no sabe leer, no sabe escribir, entonces como le va a enseñar a los niños (PP-12).



Desse modo, pode-se concluir que a exclusão digital, que faz parte do universo de muitas crianças nos três municípios (Foz do Iguaçu/BR, *Puerto Iguazú*/AR e *Ciudad del Este*/PY, as limitações acadêmicas dos pais e o analfabetismo funcional digital das famílias se constituíram obstáculos ao melhor aproveitamento do ensino remoto.

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Ressaltamos que a presente Análise do Conteúdo das entrevistas foi efetuada predominantemente de forma descritiva, todavia, em acréscimo, como suporte e ilustração, produzimos duas imagens (uma Nuvem de Palavras e uma Análise de Similitudes) com o auxílio do *software Iramuteq* que contribuem para ampliar a compreensão dos enunciados.

Inicialmente, percebe-se que um dos aspectos mais citados pelos entrevistados a respeito da pandemia de Covid-19 se reporta à ansiedade gerada pelas perdas ocasionadas pela doença, bem como pelo período de isolamento social que perdurou por quase dois anos. Vários(as) profissionais da educação se reportaram à sensibilidade mais aflorada com que, principalmente, as crianças retornaram às aulas presenciais.

As diversas perdas repentinas também estão elencadas entre as causas dessa situação, pois muitas crianças tiveram que enfrentar a morte de pais, irmãos, avós ou outro membro da família ou ainda amigos e vizinhos. Não obstante compreender todo esse processo de isolamento social e perdas, chama a atenção a afirmação no sentido de que “a pandemia, na verdade, veio escancarar uma coisa que já existia, só que nela ficou mais aflorada: a sensibilidade das pessoas”. São encontrados também relatos que apontam vários casos de crianças que apresentavam crises de ansiedade e até mesmo depressão.

Enfatize-se que, mesmo perante esse quadro de adoecimento emocional detectado entre os alunos no retorno às aulas presenciais após a suspensão do isolamento social, constata-se, nas falas dos(as) docentes, que o poder público não se estruturou com vistas a oferecer suporte emergencial às instituições de ensino através de equipes multidisciplinares na esfera da psicologia e da psicopedagogia. Essa deficiência na rede de apoio também se refletiu nos professores, haja vista que esses também foram afetados e tiveram perdas tornando-se, portanto, mais sensíveis.

Além disso, essa ansiedade dos docentes foi exacerbada na medida em que as escolas tiveram o desafio de acolher os alunos, sendo que além da questão emocional, vieram “*muchos niños con problemas de aprendizaje*”, tendo sido necessário um esforço muito maior para conseguir captar e manter a atenção dos alunos e fazer com que eles voltassem a sentir vontade de aprender. “A escola teve que acolher e o município teria que ofertar um suporte para essas crianças, para essas famílias”. No entanto, “mesmo para o atendimento de colegas de trabalho, não há psicólogos disponíveis”, concordam os(as) profissionais da educação.

Paralelo à questão emocional, evidenciou-se significativamente nas entrevistas o papel da família durante o período de aulas remotas. Em linhas gerais, pode-se assegurar que as contribuições dos(as) educadores(as) de *Ciudad del Este*/PY, Foz do Iguaçu/BR e *Puerto Iguazú*/AR comungam o entendimento de que a maioria absoluta dos pais ou responsáveis não cumpriu minimamente com o seu papel enquanto parceiros da escola no acompanhamento da educação dos filhos. Um dos mais relevantes aspectos citados se refere às crianças que relataram que, mesmo estando em casa fisicamente junto com os familiares durante um longo período, não puderam contar com a presença real desses em função de que os pais se encontravam no “celular o tempo todo”.



Ademais, faz-se referência a outra situação que diz respeito aos pais ou outros membros da família que, em vez de ajudarem os alunos nas atividades remotas, faziam as tarefas no lugar dos filhos. Mais grave, afirmam os(as) entrevistados(as), são os pais/mães que além de fazerem as tarefas, mentem para os professores acerca disso na presença dos filhos. Nesse caso específico, conclui-se que esses pais prejudicam a aprendizagem e ainda dão outro mau exemplo aos filhos.

Pode-se inferir com base nas falas dos(as) docentes que ficou muito evidente a diferença na aprendizagem das crianças que tiveram o apoio e acompanhamento dos pais durante o período das aulas remotas. Citam-se inclusive casos de pais que, apesar de serem praticamente analfabetos, conseguiram incentivar e acompanhar os estudos dos filhos enquanto outros que, não obstante possuírem formação acadêmica, não tiveram a mesma boa vontade e comprometimento.

No entanto, os(as) entrevistados(as) são enfáticos(as) ao mencionar que a negligência e a omissão dos pais com relação ao estudo dos filhos já se verifica no cotidiano das instituições escolares há tempos; “apenas foram ainda mais evidenciadas pela pandemia”. Aponta-se que está faltando maturidade por parte dos pais que não sabem apoiar os filhos; não sabem mais ser pais. Nesse sentido, evidencia-se um crescente processo de “terceirização” da educação, isto é, de transferência para a escola de responsabilidades que competem às famílias.

Com relação às famílias, outra questão mencionada especificamente por Participantes da Pesquisa do Paraguai (o que não significa que não tenha ocorrido de forma similar na Argentina e/ou no Brasil) faz referência às dificuldades enfrentadas pela sociedade para lidar com os desafios impostos pela pandemia no âmbito dos equipamentos e ferramentas digitais. Atesta-se que os professores envidaram todos os esforços possíveis e rapidamente criaram condições para a realização das atividades remotas. Entretanto, grande parcela das famílias apresentou limitações quanto à utilização dessas ferramentas. Em decorrência disso, verificase que durante seis meses os conteúdos ficaram sem ser trabalhados adequadamente e a aprendizagem não ocorreu.

Na opinião geral dos(as) entrevistados(as), o período de isolamento social agravou ainda mais um problema que vem se acentuando nos últimos anos; a relação das crianças, adolescentes e jovens com a utilização da internet e, mais especificamente, com o telefone celular. Afirma-se que o trabalho remoto através de telas com o uso excessivo de aparelhos eletrônicos fez com que muitos alunos se tornassem viciados em celular. Verifica-se que, em função de que muitos pais precisavam trabalhar, os filhos, que não podiam sair, utilizavam-se de celular, televisão, computador, notebook ou tablet sem, muitas vezes, limitação de conteúdo ou tempo. Como resultado desse processo, as escolas receberam, no retorno às aulas presenciais, crianças (cujas famílias não estabeleceram limites) com maior dificuldade de prestar atenção às aulas, que não querem mais fazer tarefas e que não sabem mais sequer brincar.

A infância e a pré-adolescência são fases da vida do ser humano em que a interação, a convivência e o mundo da escola são de fundamental importância. No entanto, o prolongado período de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 ocasionou o afastamento repentino entre os alunos. Em consequência, no regresso à escola, percebeu-se em muitas dessas crianças deficiências também no âmbito da coordenação motora. Profissionais da educação afirmam que a situação era tão evidente que houve necessidade da alteração dos hábitos na questão da segurança. Alega-se que as crianças não sabem mais correr ou cair, que elas se batem, que não sabem mais brincar umas com as outras e que não sabem dividir um



brinquedo, ou seja, a interação, a socialização e a convivência foram significativamente afetadas, tendo em vista que as crianças não sabem mais nem mesmo sequer resolver os problemas entre si.

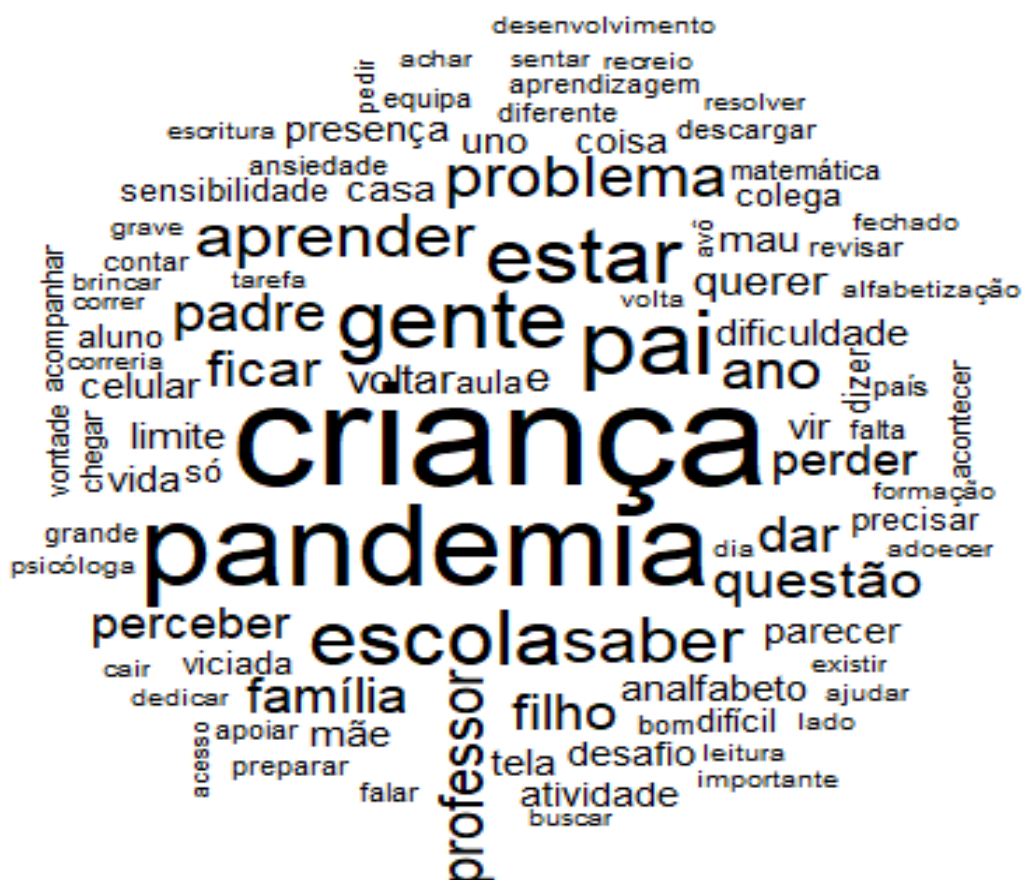
Quando indagados(as) acerca da possível extensão dos prejuízos ocasionados pela pandemia, em especial no relativo à aprendizagem, profissionais testemunharam que voltaram às aulas no período pós-pandêmico com a expectativa de que todas as perdas educacionais poderiam ser recuperadas em 1 ou 2 anos. Todavia, após já ter transcorrido – no momento do maior número de entrevistas – praticamente um ano todo em aulas presenciais, concluem que essa defasagem perdurará por muito mais tempo.

Enfim, pode-se afirmar com segurança que independentemente da realidade da escola, do grau de vulnerabilidade social em que a instituição esteja inserida ou mesmo do município ou país, verifica-se que os discursos praticamente se repetem quando se trata das consequências negativas da pandemia na esfera da aprendizagem e no âmbito emocional tanto dos alunos quanto dos professores e demais profissionais da educação.

4.1 Nuvem de palavras

Neste momento dessa produção científica, com vistas a aprofundar e comprovar as observações anteriores registradas na análise descritiva, serão utilizadas duas imagens que enriquecem a Análise de Conteúdo (AC) das entrevistas. Enfatize-se que, de acordo com Flick (2009, p. 291), a AC se trata de “um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual”. Desse modo, primeiramente, será analisada, de forma sucinta, uma Nuvem de Palavras gerada pelo *software Iramuteq*.

Registre-se que, para a produção dessa imagem, o programa foi alimentado com um corpus textual contendo apenas três classes gramaticais: substantivos, adjetivos e verbos. Ressalte-se que, no entendimento dos autores do presente trabalho, as preposições, advérbios, conjunções, pronomes e demais classes de palavras não agregam maior significado às contribuições dos(as) Participantes da Pesquisa, sendo, por essa razão, não incluídas no presente estudo.



Conforme Oliveira (2024, p. 151), no que concerne às Nuvens de Palavras, “ao evidenciar as expressões que apresentam maior frequência e representatividade dentro do corpus textual, essas imagens auxiliam na elaboração de uma síntese das principais informações contidas nos discursos dos(as) Participantes da Pesquisa”. Assim sendo, inicialmente, verifica-se que as palavras “criança” e “pandemia” são as mais repetidas tendo em vista a Covid-19 se tratar da temática das falas e que essas se dão no âmbito da faixa etária do 5º ano do Ensino Fundamental, ou seja, “crianças”.

Na sequência, pode-se verificar a importância dada à questão da parceria entre a família e a escola, a necessidade da presença e participação dos pais no enfrentamento dos prejuízos à educação gerados pela pandemia. Nessa linha de raciocínio, destacam-se os vocábulos “pai” e seu correspondente em espanhol “padre”, “gente” (nesse caso, substituindo as expressões “nós, professores”), “escola”, “problema”, “professor”, “família”, “filho”, “mãe”, “dificuldade”, “casa”, “presença”, “desafio”. Ainda no que se reporta à relação escola/família, diversos verbos evidenciam o desafio e papel de ambas as instituições no período de isolamento social. Enumerem-se alguns exemplos: “perceber”, “apoiar”, “dedicar”, “preparar”, “acompanhar”, “ajudar”, “resolver”, “revisar”, entre outros.

Torna-se possível também perceber outra grande preocupação dos(as) Participantes da Pesquisa que se trata do vício em telas provocado pela exposição prolongada ao celular e outros equipamentos no período de aulas remotas online. Nesse prisma, as palavras “celular”, “viciada”, “limite” e “acesso” denotam que, além da necessidade do uso de aparatos



eletrônicos para acompanhamento das aulas e atividades remotas, muitas crianças tiveram acesso às redes sociais sem limites de tempo ou conteúdo. Desse modo, evidencia-se a omissão dos pais ou responsáveis nesse período de vulnerabilidade generalizada.

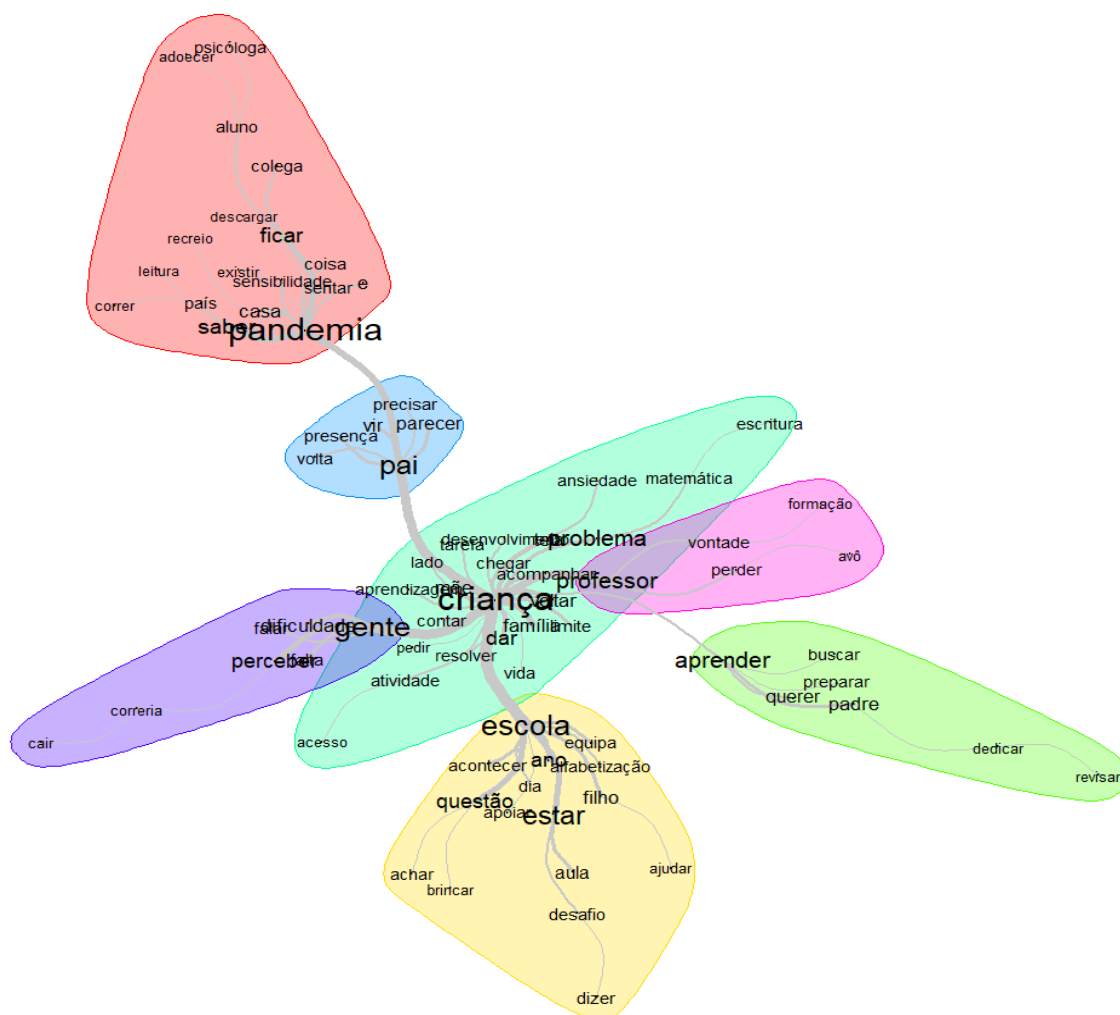
Somado a isso, pode-se observar que o retorno dos estudantes às escolas, isto é, a retomada das aulas presenciais no período pós-pandemia veio acompanhada de outra grave preocupação; a defasagem cognitiva dos alunos ocasionada pelo longo período de atividades remotas. Os relatos dos(as) profissionais da educação entrevistados(as) manifestam essa questão. Na sequência, algumas palavras extraídas da Nuvem de Palavras que evidenciam esse prejuízo na aprendizagem: “voltar”, “aula”, “dificuldade”, “leitura”, “matemática”, “*escritura*”, “alfabetização”, “aprendizagem” e “desenvolvimento”.

Identifica-se também outro problema agravado no período de isolamento social; a ansiedade observada, principalmente nos alunos, entretanto, também entre os professores e membros da equipe pedagógica na volta às aulas. Essa constatação encontra-se verbalizada na fala dos(as) entrevistados(as) e manifesta na imagem. Palavras tais como “ansiedade”, “sensibilidade”, “adoecer” e “psicóloga” exemplificam essa compreensão.

4.2 Análise de similitudes

Utilizou-se também o *Software Iramuteq* para a produção de uma imagem conhecida como Análise de Similitudes através da qual, segundo Oliveira (2024, p. 151), “verifica-se que a visualização da conexão entre as palavras facilita a compreensão da estrutura de construção tanto do texto quanto dos temas mais importantes”. Ainda, de acordo com Oliveira (2024, p. 160), “a Análise de Similitudes se trata de uma representação visual baseada na Teoria dos Grafos⁶ e, nessa perspectiva, a árvore de palavras permite identificar e compreender as relações estabelecidas entre si no interior dos *corpus* textuais”. Portanto, a partir da representação gráfica a seguir, buscar-se-á a melhor compreensão do material coletado na pesquisa de campo.

⁶ A Teoria dos Grafos é um ramo da matemática que estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_grafos Acesso em: 22 ago. 2024.



Em princípio, observa-se que o termo “criança” se encontra em destaque na porção central da imagem diretamente interligado aos vocábulos: “escola”, “pandemia” e “pai”. Depreende-se que essa conexão identifica o eixo central das falas dos(as) entrevistados(as) no que concerne ao papel da escola e dos pais na proteção das crianças contra os impactos da pandemia de Covid-19. Ainda nessa fração da imagem, gravitando torno da palavra “criança”, encontram-se diversos outros termos interligados que comprovam as considerações anteriormente registradas acerca da questão familiar: “família”, “acompanhar” e “limite”.

Ainda no centro da imagem, verificam-se também as expressões “aprendizagem”, “matemática”, “escritura”, “tarefa” e “desenvolvimento” que exemplificam a preocupação dos(as) entrevistados(as) no que se refere à defasagem no ensino provocada pela pandemia. Nessa mesma linha, na ramificação inferior também se comprova esse problema, tendo em vista que, conectadas à expressão “escola”, encontram-se as palavras “equipa”, “alfabetização”, “apoiar”, “ajudar”, “aula” e “desafio”.

O aspecto relativo à ansiedade que se agravou durante o isolamento social se observa nas palavras “problema” e “ansiedade” que se conectam ao vocábulo “criança” na porção central da imagem. Por seu turno, na ramificação superior, novamente se percebem expressões que denunciam o problema: “adoecer”, “sensibilidade” e “psicóloga”.



O papel da família pode ser novamente comprovado nas conexões com os demais agrupamentos de palavras. Por exemplo, na porção imediatamente superior à central, encontram-se as palavras “pai” e “presença”. Por sua vez, no núcleo inferior à direita, observam-se os termos “*padre*” (pai em espanhol), “dedicar”, “revisar” e “preparar”; todas denotando que os pais deveriam se preparar e se dedicar aos filhos revisando tarefas e atividades durante o período de aulas remotas. Somado a isso, na porção inferior central, as palavras “ajudar”, “apoiar” e “filho” apontam para a mesma direção.

Enfim, conforme se observou, ambas as imagens (a Nuvem de Palavras destacando os termos mais repetidos nas entrevistas e a Análise de Similitudes estabelecendo a conexão entre as palavras e ideias) contribuem para a melhor compreensão do pensamento dos(as) Participantes da Pesquisa acerca dos reflexos da pandemia de Covid-19 no processo ensino/aprendizagem na Tríplice Fronteira Brasil-Paraguai-Argentina.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados três anos da pandemia de Covid-19, ainda se observam “sequelas” desse período único da história. Destarte, nas mais variadas esferas da vida em sociedade, convive-se com prejuízos, perdas, dores e aprendizados provocados por quase dois anos de mortes, incertezas, ansiedade e medo.

Assim sendo, também no âmbito da educação, multiplicaram-se os desafios a partir da abrupta interrupção das aulas presenciais. Desse modo, os professores tiveram que se reinventar para fazer frente a uma nova forma de ensinar; a modalidade virtual através da utilização de ferramentas digitais.

Por conseguinte, no recorte geográfico do nosso estudo, a Tríplice Fronteira Brasil-Paraguai-Argentina, muitos obstáculos foram e continuam sendo enfrentados no campo da educação. Contudo, constatamos que as observações dos(as) entrevistados(as) reafirmaram o real e inestimável valor dos professores no momento mais desafiador da história da educação. Enfatize-se que os(as) Participantes da Pesquisa mantiveram sua crença no seu papel e na Educação não obstante o cansaço gerado pela maior quantidade de trabalho, as defasagens de conteúdo e atenção, os obstáculos colocados pelas famílias, a carência de equipe de apoio, a conturbada volta às aulas presenciais, a ansiedade dos alunos, o analfabetismo funcional digital dos pais e a exclusão digital em que se encontram muitas crianças.

Nesse sentido, constatou-se nesse longo período de isolamento social a importância da presencialidade, da interação face-a-face. Concluiu-se que - não obstante as infindas possibilidades contidas nas tecnologias digitais - professores são insubstituíveis qualquer que seja a modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, C. A.; FONSECA, I. S. *Peligros de las redes sociales: Cómo educar a nuestros hijos e hijas en ciberseguridad Social. Revista Electrónica Educare*, Vol. 23(3) setiembre-diciembre, 2019: 1-24.

ARAÚJO, D. C. G.; OLIVEIRA, L. N.; BERETTA, R. C. S.; BITTAR, C. M. L. Percepções sobre o ensino remoto-domiciliar durante o isolamento físico: o que as mães têm a nos relatar? *Saúde Soc.* São Paulo, v.31, n.1, 2022.



BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARNA, M.; FERNANDES, N.; SANI, A. I. O bem-estar subjetivo das crianças em tempos de confinamento. **Revista Portuguesa de Educação**, 35(1), 2021, 380-404.

FERRER, R. *Pandemia por COVID-19: el mayor reto de la historia del intensivismo*. **Medicina Intensiva**, Vol. 44, Issue 6, Aug–Sept 2020, Pages 323-324 - Espanha: Elsevier.

FETTERMANN, J.; TAMARIZ, A. D. R. Ensino remoto e ressignificação de práticas e papéis na educação. **Linguagem e Tecnologia**. Belo Horizonte. v.14, n.1, e24941, 2021.

FIALHO, L. M. F.; NEVES, V. N. S. Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 48, 2022.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLORES, M. A.; MACHADO, E. A.; ALVES, P.; VIEIRA, D. A. Ensinar em tempos de COVID-19: um estudo com professores dos ensinos básico e secundário em Portugal. **Revista Portuguesa de Educação**, 34(1), 5-27. Portugal, 2021.

GATTI, B. A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, 34 (100), 2020.

GUILLAND, R.; KLOKNER, S. G. M.; KNAPIK, J.; CROCCE-CARLOTTO, P. A.; RÓDIO-TREVISAN, K. R.; ZIMATH, S. C.; CRUZ, R. M. Prevalência de sintomas de depressão e ansiedade em trabalhadores durante a pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 20, 2022, e00186169.

GUZZO, R. S. L.; SOUZA, V. L. T.; FERREIRA, A. L. M. C. M. A pandemia na vida cotidiana: reflexões sobre os impactos sociais e psicológicos à luz da perspectiva crítica. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 39, e210100, 2022.

JIMÉNEZ, H. G. *Impactos socioemocionales, estrategias y retos docentes en el nivel medio superior durante el confinamiento por COVID-19*. **Revista Iberoamericana para la investigación y el desarrollo educativo**, Vol. 12, Núm. 24. Enero - junio 2021.

LAGUNA, T. F. S.; HERMANN, T.; SILVA, A. C. P.; RODRIGUES, L. N.; ABAID, J. L. W. Educação remota: desafios de pais ensinantes na pandemia. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, 21 (Supl. 2): S403-S412, maio., 2021.

LEAL, M. G.; RODRÍGUEZ, H. M.; ACEVEDO, J. A. V.; ROJAS, J. C. R.; CASTAÑÓN, L. N. B. *Experiencias docentes del uso de la tecnología educativa en el marco de la pandemia por COVID-19*. **Revista Información Científica**. Volumen 100, No. 2, marzo - abril 2021.

MACEDO, R. M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 34, nº 73, p.262-280, Maio-Agosto 2021

NAPOLI, D. P. N.; GOGLINO, A. M.; BARDIN, I. *Extrañar la presencialidad y acostumbrarse a la virtualidad de la escuela secundaria en Argentina. Sentires de jóvenes estudiantes en contexto de pandemia*. **Praxis educativa UNLPam**, Vol. 26, Nº 1, enero - abril 2022, E - ISSN 2313-934X, pp. 1 - 25.





OLIVEIRA, S. P. A importância dos limites na educação de crianças e adolescentes. **Revista Orbis Latina**, vol. 10, nº 1, Foz do Iguaçu/PR (Brasil), janeiro – junho, 2020.

OLIVEIRA, S. P. **Políticas públicas educacionais de prevenção às drogas na Tríplice Fronteira Brasil-Paraguai-Argentina**. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Centro de Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Foz do Iguaçu. 2024. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/7245/2/Sergio_Paulo_de_Oliveira_2024.pdf Acesso em: 26 jun. 2024.

SANTOS, K. D. A.; CALDAS, C. M. P.; , SILVA, J. P. **Pandemia da covid-19, saúde mental, apoio social e sentido de vida em professores** 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3575>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SCHWAL, M. A. *El confinamiento y la vuelta a clases en Argentina: relatos de docentes sobre la desigualdad en pandemia*. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v.15, 2022.

SILVA, C. L.; SANTOS, D. M. B. **O desenvolvimento profissional docente e educação básica na pandemia de COVID-19**. 2022.

TROITINHO, M. C. R.; SILVA, I. B.; SOUSA, M. M.; SANTOS, A. D. S.; MAXIMINO, C. Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da COVID-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, 2021.

Recebido em: 12/09/2024

Aprovado em: 11/12/2024

